



RESUMO DA SEMANA - 01 a 05/10

A semana, que deveria ser muito tumultuada para os mercados de risco do Brasil, acabou sendo positiva, prevalecendo a motivação política. De nossa parte, já tínhamos colocado essa possibilidade, focando na melhora da situação internacional ajudando o segmento local, mas com o imponderável cenário eleitoral.

Durante a semana, as pesquisas de intenção de voto dominaram a preocupação de investidores e especuladores. Porém, no conjunto foram positivas para o candidato Bolsonaro que viu sua intenção de voto crescer, segundo turno mais favorável e ainda com o nível de rejeição baixando. O oposto do que aconteceu com Fernando Haddad, com a rejeição crescendo e perdendo espaço no segundo turno. Somente a pesquisa do IBOPE divulgada no início da noite de 03 de outubro que não foi tão positiva. Para compensar, a nova pesquisa Datafolha do início da noite de 04 de outubro, veio novamente favorável a Bolsonaro. Daqui até domingo teremos outras pesquisas sendo anunciadas

De qualquer forma, o resultado mais provável seguiu sendo o segundo turno entre os dois candidatos (Bolsonaro e Haddad). A militância de Bolsonaro empolgada, passou a apostar em ganhar no primeiro turno, ainda que seja pouco provável, mas não impossível por conta do “voto útil”. A ausência de Bolsonaro no debate de 04 de outubro ajudou a tirar o candidato da vitrine, onde certamente seria atacado. Possivelmente teremos segundo turno e investidores ainda nervosos, mas o quadro passou a ser mais amigável, já que Bolsonaro foi adotado pelos investidores locais.

A novela da semana foi a liberação de entrevista do ex-presidente Lula, preso, à Folha de São Paulo. A liberação foi realizada por Lewandowski, depois bloqueada, novamente liberada pelo ministro e novamente impedida pelo presidente do STF, Dias Toffoli. O fato mostra como o Judiciário está dividido, sendo apenas mais um segmento polarizado.

Na economia, lembramos declarações do ministro da Fazenda, Eduardo Guardia, de que não podemos abstrair de controlar o déficit fiscal e que reforma da Previdência é urgente. Nesse context, o presidente Temer e sua equipe está se dispondo a aprovar dentro do Congresso algumas medidas que

aliviem a vida do próximo presidente. Desde que consensuada entre o atual e o próximo presidente. Seria bem oportuno que acontecesse. Afinal, o Brasil não pode mesmo perder tempo.

A pesquisa semanal Focus anunciada no início da semana veio com poucas alterações e o saldo da balança comercial de setembro foi anunciado em US\$ 5,0 bilhões, acumulando no ano superávit de US\$ 42,6 bilhões. O IBGE anunciou que a produção industrial de agosto encolheu 0,3% (segundo mês seguido), mas acumula em 2018 expansão de 2,5% e em 12 meses com alta de 3,1%. Bens de capital com expansão de 5,3% no mês foi o destaque junto com veículos com +2,4%. Houve contração em 14 de 26 ramos investigados.

O Bacen anunciou o fluxo cambial de setembro negativo em US\$ 6,14 bilhões, mas com o saldo do ano ainda positivo em US\$ 18,0 bilhões. A Anfavea divulgou queda da produção de veículos em setembro de 23,5% e das vendas de 14,3%. O IBGE anunciou a inflação oficial pelo IPCA de setembro em 0,48% (anterior -0,09%), e alta no ano de 3,34%

No mercado, alertamos que os gestores de recursos e investidores estrangeiros já estavam se posicionando em ações nas duas últimas semanas. Na semana, houve aceleração em função das pesquisas, mas aconteceram realizações de lucros de curto prazo. Pesquisas favoráveis a Bolsonaro foram comemoradas com alta da Bovespa, queda do dólar e dos juros, independente do que acontecia no mercado internacional. Petrobras chegou a subir mais de 8% em um só pregão e Banco do Brasil mais de 11%. No mês de setembro, os investidores estrangeiros alocaram liquidamente na Bovespa R\$ 3,2 bilhões, fazendo com que o fluxo do ano voltasse ao positivo em R\$ 294,6 milhões.

No cenário externo, três fatores podem ser destacados dentre tantos. A Itália voltou atrás em suas pretensões de manter déficit orçamentário de 2,4% do PIB até 2021. Agora o Partido da Liga Norte e 5 Estrelas vão reduzir progressivamente até 2,0% em 2021. Os títulos BTPs tiveram taxas de juros em forte alta ultrapassando 3,3%

O Brexit segue enrolado e com Theresa May fragilizada. Boris Johnson que liderou o plebiscito do Brexit disse que o Livro Branco de May é inaceitável e que é preciso “apoiá-la” para manter a proposta original. O fato é que o tempo vai passando e não se tem uma solução para o comércio e sobre fronteiras com a Irlanda.

O outro fato foi Trump e seus secretários elogiando o acordo com Canadá e México (USMCA) como o maior já feito. Além de ser introdutor de uma linha de discussão que está começando com o Japão. Com a China, nenhuma novidade (estiveram em feriado prolongado), mas mantiveram a intenção de negociar com os EUA. O secretário, Kudlow, disse que as disputas comerciais podem ser resolvidas com sucesso e que Trump, em última instância quer zero tarifa e zero barreiras.

Destacamos ainda a alta forte dos juros americanos de dez anos ultrapassando o patamar de 3,21%, principalmente após discursos de vários dirigentes regionais do FED e do próprio presidente Jerome Powell. A aceleração da economia americana começa a determinar discursos mais duros de dirigentes que tem o dever de manter a inflação ao redor de 2,0%.

A semana foi de anúncio de indicadores PMI de serviços de setembro, muitos em desaceleração, mas ainda mostrando expansão da atividade, já que ficaram acima de 50 pontos. O FMI preocupado com o endividamento dos governos divulgou que a mediana da relação dívida/PIB dos governos saiu de 36% antes de 2008 (época do subprime) para 52% em 2018. O Institute of International Finance (IIF) versou sobre os desequilíbrios fiscais em países como o Brasil, Argentina, Turquia e África do Sul.

A última sessão da semana trouxe a divulgação do payroll do mês de setembro com a criação de vagas no setor público e privado americano com vagas criadas de 134.000, abaixo do previsto, mas ajustando o mês anterior fortemente para cima. A taxa de desemprego caiu para 3,7%, e pode ceder ainda mais até 3,5%.

PERSPECTIVAS

A próxima semana pode ser algo parecido a “um piquenique à beira do vulcão”. Os agentes do mercado terão que reajustar rapidamente as expectativas, em função do resultado das urnas. Teremos ou não segundo turno? Se houver segundo turno, a situação mais provável, como foi o placar dos candidatos? Mais apertado ou melhor que as pesquisas conhecidas? Se Bolsonaro estiver melhor situado para o segundo turno, os mercados ainda teriam espaço para ajustar em alta. Se não, a tendência será de realização de lucros de curto prazo.

Certamente, a melhor alternativa para os mercados seria Bolsonaro vencer no primeiro turno, fazendo discurso mais próximo de reformas e privatização, assessorado por Paulo Guedes, seu “posto Ipiranga”. Mesmo assim, ainda vamos esperar por outras definições de equipe, profundidade e celeridade de implantação das reformas. Mas os mercados vão comemorar, com Bovespa em alta, juros e dólar em queda.

Olhando para o setor externo, o cenário é mais promissor, mesmo considerando discursos mais duros de dirigentes do FED e expansão dos juros dos notes de dez anos com taxa já na casa de 3,21%. No ambiente comercial, o quadro pode ser mais ameno com negociações com o Japão e também, na volta do feriado, com a China. Ficam pendentes definições sobre o Brexit e Theresa May (primeira-ministra), já que na Itália as lideranças governamentais afrouxaram a posição de déficit orçamentário.

Portanto, a volatilidade dos mercados não terminará com o primeiro turno (muito pelo contrário). É necessário agir com prudência na avaliação de comportamento de curto, médio e longo prazo. Avaliando pela análise técnica, se conseguirmos romper o patamar de 87.500/88.000 pontos, o mercado poderia ingressar em zona de recordes sucessivos. Mas é fundamental que fluxos canalizados sejam mantidos.

Alvaro Bandeira

Sócio e Economista-Chefe modalmais

Fonte: <https://www.modalmais.com.br/blog/falando-de-mercado>